

O preconceito racial nas produções artísticas

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Spoiler da aula



Leitura

Texto 1

Navio Negreiro (Castro Alves)

‘Stamos em pleno mar
(...)
Era um sonho dantesco... o tombadilho
(...)
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
(...)
Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...
São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...
(...)
Lá nas areias infindas,

Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choca do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...
(...)
Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...
De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!
“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!
“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!
“Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança

Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...
Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Texto 2

A canção do africano (Castro Alves)

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...
De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!
“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!
“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!
“Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro”.
O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....
O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.
E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Texto 3

O Cortiço (Aluísio Azevedo)

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão. Quando deram fé estavam amigos. Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

Texto 4

O Mulato (Aluísio Azevedo)

Manuel sacudiu os ombros e resmungou depois, em ar de confiança:

Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

— Eu?!

— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tomou-se lívido. Manuel prosseguiu, no fim de um silêncio:

— Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa mas e por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!...

O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora

— Eu nasci escravo?!...

— Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.

(...)

Calaram-se ambos. Raimundo, pela primeira vez, sentiu-se infeliz; uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara; na pureza do seu caráter o desgosto punha a primeira nódoa. E, querendo reagir, uma revolução operava-se dentro dele; idéias turvas, enlodadas de ódio e de vagos desejos de vingança, iam e vinham, atirando-se raivosos contra os sólidos princípios da sua moral e da sua honestidade, como num oceano a tempestade açula contra um rochedo os negros vagalhões encapelados. Uma só palavra bolava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Idéia parasita, que estrangulava todas as outras idéias. (...)

Texto 5

Crônica da abolição (Machado de Assis)

Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, post factum, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário fôr, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (coup du milieu, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e supponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseses. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

- Oh! meu senhô! fico.

- ...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho dêste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

- Artura não qué dizê nada, não, senhô...

- Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

- Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Êle continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe bêsta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas tôdas que êle recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a tôda a gente que dêle teve notícia; que êsse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposições) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o

digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.
Boas noites.

Texto 6

Clara dos anjos (Lima Barreto)

—Que é que a senhora quer que eu faça?

Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

—Que se case comigo. Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

—Que é que você diz, sua negra?

Dona Margarida, não dando tempo a que Clara repelisse o insulto, imediatamente, erguendo a voz, falou com energia sobranceira:

—Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não para ouvir desaforos.
(...)

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio.

Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça...

(...) Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

—Mamãe! Mamãe!

—Que é minha filha?

—Nós não somos nada nesta vida.

Texto 7

O Capoeira (Oswald de Andrade)

- Qué apanhá sordado?

- O quê?

- Qué apanhá?

Pernas e cabeças na calçada.



Vídeos

- Vídeo 1

[Navio Negreiro](#)

- Vídeo 2

[Racismo – 2 excelentes comerciais](#)

- Vídeo 3

[Besouro – O filme \(Trailer\)](#)

- Vídeo 4

[12 Anos de Escravidão – \(Trailer Oficial\)](#)

- Vídeo 5

[Todo camburão tem um pouco de Navio Negreiro](#)

Revisando a matéria em 3 minutos!



Competência 4? Habilidade 13? O que isso tem a ver com o Enem?

Para a Competência 4, Habilidade 13, o estudante deve ter a capacidade de reconhecer diferentes funções da arte em seu meio cultural, analisar diferentes produções artísticas como meio de explicar culturas e padrões estéticos de uma época, e reconhecer a diversidade artística dos grupos sociais e étnicos. Além de ser sensacional poder entrar contato com manifestações artísticas, o conhecimento das distintas linguagens artísticas desenvolve sensibilidade estética e ajuda, ainda, na melhor compreensão de outras linguagens textuais e não textuais, como a publicidade e o marketing, por exemplo.



3ª Geração Romântica

A terceira geração romântica é voltada para o social, e prega a idealização da liberdade em relação às mazelas instituídas pela sociedade. Tem como seu principal representante o poeta Castro Alves, mais conhecido como o **poeta dos escravos**. Lembrando que a ideologia referente a essa geração tem no poeta francês Victor Hugo sua fonte de inspiração, principalmente pela sua grandiosa criação, **Os Miseráveis**.



Determinismo

Crença em que os acontecimentos ocorrem de uma maneira já fixada, num plano sobrenatural ou pelas leis da Natureza. É o princípio em que todos os fenômenos estão ligados uns aos outros, por meio de relações ou leis necessárias. Determinismo é a doutrina segundo a qual tudo o que acontece tem uma causa, incluindo os fatos que parecem ser consequência de liberdade e vontade própria.

O determinismo vai buscar a sua justificação no decurso causal da Natureza. Assim, toda e qualquer ação é consequência necessária de uma série de causas físicas, fisiológicas, psicológicas etc.



Abolição na teoria e na prática: uma abordagem histórica

A primeira etapa do processo foi tomada em 1850, com a extinção do tráfico de escravos no Brasil. Vinte e um anos mais tarde, em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei do Ventre-Livre. Esta lei tornava livres os filhos de escravos que nascessem a partir daquela data. No ano de 1885, foi promulgada a lei Saraiva-Cotegipe (também conhecida como Lei dos Sexagenários) que beneficiava os negros com mais de 65 anos de idade. Foi somente em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que a liberdade total e definitiva finalmente foi alcançada pelos negros brasileiros. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel (filha de D. Pedro II), abolia de vez a escravidão em nosso país.



Movimento Negro dos anos 1960

Diante da miséria econômica e dos limites da legislação, ativistas negros norte-americanos expandiram suas ações, criticando não somente a discriminação formal, mas também a exploração econômica. Martin Luther King aos poucos radicalizou seu discurso, combatendo a pobreza e a participação dos EUA na Guerra do Vietnã, até ser assassinado em 4 de abril de 1968. Muitos negros abraçaram alternativas políticas ao movimento “respeitável” de direitos civis. O **black power** ampliou-se com a popularidade de Malcom X, um líder muçulmano que pregava autodefesa contra a brutalidade da polícia, a valorização das tradições afro-americanas e o apoio a movimentos revolucionários no Terceiro Mundo. Ativistas adotaram tradições africanas, mudando seus nomes e lançando cursos de estudos afro-americanos nas universidades.

Exercícios



De casa

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das coisas do tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam

os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros?

Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete.

(BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 8 nov.2011.)

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi publicado em 1911. No fragmento destacado, a reação do personagem aos desdobramentos de suas iniciativas patrióticas evidencia que

- a) A dedicação de Policarpo Quaresma ao conhecimento da natureza brasileira levou-o a estudar inutilidades, mas possibilitou-lhe uma visão mais ampla do país.
- b) A curiosidade em relação aos heróis da pátria levou-o ao ideal de prosperidade e democracia que o personagem encontra no contexto republicano.
- c) A construção de uma pátria a partir de elementos míticos, como a cordialidade do povo, a riqueza do solo e a pureza linguística, conduz à frustração ideológica.
- d) A propensão do brasileiro ao riso, ao escárnio, justifica a reação de decepção e desistência de Policarpo Quaresma, que prefere resguardar-se em seu gabinete.
- e) A certeza da fertilidade da terra e da produção agrícola incondicional faz parte de um projeto ideológico salvacionista, tal como foi difundido na época do autor.

2. as irmãs

os meus irmãos sujando-se
na lama
e eis-me aqui cercada
de alvura e enxovais

eles se provocando e provando
do fogo
e eu aqui fechada
provendo a comida

eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada
servindo, contida

os meus irmãos jogando-se
na cama

e eis-me afiançada
por dote e marido

(QUEIROZ, S. *O sacro ofício*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.)

O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que

- a) A mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem jogar na lama.
- b) A palavra “fogo” é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- c) A luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- d) A cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.
- e) Os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

3.

LXXVIII (Camões, 1525-1580)

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;
Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor, mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

(CAMÕES, L. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.)



SANZIO, R. (1483-1520) A mulher com o unicórnio. Roma, Galleria Borghese.

Disponível em: www.arquipelagos.pt. Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- a) Apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- b) Valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- c) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- d) Desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- e) Apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

4.

TEXTO I



Toca do Salitre - Piauí
Disponível em: <http://www.fundham.org.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.

TEXTO II



Arte Urbana. Foto: Diego Singh
Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2010.

O grafite contemporâneo, considerado em alguns momentos como uma arte marginal, tem sido comparado às pinturas murais de várias épocas e às escritas pré-históricas.

Observando as imagens apresentadas, é possível reconhecer elementos comuns entre os tipos de pinturas murais, tais como

- a) A preferência por tintas naturais, em razão de seu efeito estético.
- b) A inovação da técnica de pintura, rompendo com modelos estabelecidos.
- c) O registro do pensamento e das crenças das sociedades em várias épocas.
- d) A repetição dos temas e a restrição de uso pelas classes dominantes.
- e) O uso exclusivista da arte para atender aos interesses da elite.

5. Os melhores críticos da cultura brasileira trataram-na sempre no plural, isto é, enfatizando a coexistência no Brasil de diversas culturas. Arthur Ramos distingue as culturas não europeias (indígenas, negras) das europeias (portuguesa, italiana, alemã etc.), e Darcy Ribeiro fala de diversos Brasis: crioulo, caboclo, sertanejo, caipira e de Brasis sulinos, a cada um deles correspondendo uma cultura específica.

(MORAIS, F. *O Brasil na visão do artista: o país e sua cultura*. São Paulo: Sudameris, 2003.)



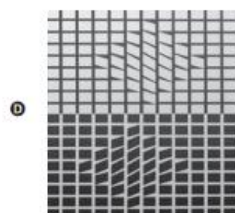
Rubem Valentim. Disponível em:
<http://www.ocaixote.com.br>.
Acesso: em 9 jul. 2009.



Athos Bulcão. Disponível em:
<http://www.irbr.mre.gov.br>. Acesso:
em 9 jul. 2009.



Rubens Gerchman. Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br>.
Acesso em: 6 jul. 2009.



Victor Vassarely. Disponível em:
<http://www.masterworksonlineart.com>.
Acesso em: 5 jul. 2009.



Gauguin. Disponível em:
<http://www.ocaixote.com.br>. Acesso
em: 5 set. 2009.

Gabarito



De casa

1. C

O balanço amargo que Quaresma faz de suas iniciativas patrióticas demonstra que todas resultaram em frustração e desengano porque foram baseadas em ideias irreais, míticas, a respeito do país e de seu povo.

Principalmente em relação à análise do preconceito referente à habilidade requerida, é facilmente identificável em alguns trechos da obra como: “(...) Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera fora a do Doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: ‘Se não era formado, para quê? Pedantismo!’(...)” ou “(...) É preconceito supor-se que todo o homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede(...)” – (I Parte. I A Lição de violão. pp. 1-2.)

2. E

O poema apresenta o ponto de vista “das irmãs” (como anuncia o título) sobre “os papéis sociais destinados aos gêneros”. A limitação do espaço e das ações atribuídos à mulher (“fechada”, “provendo”, “servindo”), assim como a dependência desta em relação ao masculino (“afiançada / por dote e marido”) sugerem “graus de autorrealização desiguais”, como consta da alternativa de resposta.

Aqui, mais uma vez, verifica-se o preconceito, desta vez, em relação ao sexo feminino.

3. C

A figura feminina da tela de Rafaela apresenta nitidamente os traços que Camões, no soneto LXXVIII, atribui à mulher, como o semblante sereno, os lábios cor de rubi, o sorriso doce de pérolas, a pele “neve cor-de-rosa” – em resumo, a representação do paraíso na terra pelo aspecto feminino angelical e portador de beleza incomparável, próxima ao divino.

Verifica-se, nesta questão, que o conhecimento a respeito da Competência já é suficiente, uma vez que aborda a “compreensão da arte como saber cultural e estético gerador de significação...” e em relação a Habilidade “analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes (...) padrões de beleza.

4. C

Tanto o grafite contemporâneo como as pinturas murais de tempos remotos refletem valores de grupos sociais das respectivas épocas. Para chegar à resposta, o candidato deveria ter o conhecimento de que a arte reflete valores de um grupo ou uma sociedade. Aqui, destaca-se na habilidade 13, a “análise de diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas”.

5. A

Rubem Valentim empregou signos de origem africana em seus quadros, ligados à tendência construtivista da arte brasileira. Nenhum dos quadros apresentados nas demais alternativas podem ser associados à cultura de origem negro-africana. Mais uma vez, esta questão requer a análise das produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas para que seja reconhecido o quadro associado à cultura negro-africana.

Continue estudando

[Romantismo: 2ª e 3ª geração](#)

[Determinismo](#)